

«PINOTE»

Era uma vez um cavalo que queria partir a casa toda. Partir que não fosse quebrar, evidentemente. Esse cavalo tinha o dom de desbundar. Dizia-se que com os seus pinotes recolhia remanescentes de luz. Logo se haveria de cruzar com um artista equilibrista, o Rui Horta Pereira. Para o cavalo, no começo era o salto, a mudança e a reação. Já o RHP veio logo perguntando, filosoficamente, "quer o ser ser moldado?", formulando uma bela explicação sobre dinâmicas processuais: "Qualquer exposição interfere com uma dinâmica processual em curso e talvez por essa razão ela se apresente como tão perturbadora. Implica domar uma determinada matéria, tê-la como controlada", mas foi interrompido pelo cavalo com um pinote colossal. Que forma teria este pinote? Talvez a forma não fosse assim tão importante. Nenhum dos dois era bem de fórmulas, preferindo o espontâneo e o intuitivo. O cavalo perguntou, "e se me fizesses representado num monumento equestre de vidro?", ao que o RHP responderia com um "mais valia", mas não sem antes tentar de tudo para que o cavalo pudesse brilhar, dançando com ele. Uma dança com "horror ao horror". Que nunca nos falte a coluna vertebral. Não queremos ser um molde que definha.

Muito haveria para acompanhar sobre a conversa destes dois, no entanto, devo confessar que sou assaltado por outra ideia, qual coice: gostaria de dizer que há muito que penso na palavra "eficácia" associada a uma forte objetividade no trabalho de RHP. Não é de agora que o seu processo é indissociável da experiência, como um elemento de mediação, privilegiando ligações ao quotidiano, como poemas automáticos aos quais falta sentido, mas que acolhem ingenuidades, convicções, desejos, explicações, num jogo de continuidade.

Aqui, tanto os 23 desenhos, "dança do luar", como as 3 peças maciças escultóricas, "espinha", funcionam como fragmentos e movimentos para possíveis levitações consequentes do próprio "pinote" que dá título à exposição. Vejo esses desenhos e esculturas como partes de um espaço onde falta um corpo que se esvai. E, mesmo se pudéssemos tomar nota de todos os cacos espalhados pelos desenhos, pensando em como se transformam em ilusões reconhecíveis, ainda assim, o que liga as peças é o desejo por uma tal objetividade que nos deixe atentos a cada detalhe possível em cada desenho, em cada escultura. Derretemos num sopro, levados pelo ar até ao desmoronar do vidro.

O cavalo pergunta ao RHP: Como vê o futuro? Haverá pintores delicados?

Termino com as palavras luminosas do próprio RHP, num momento de fusão com o cavalo: "Irra! (Relincho!)"

Rui Dias Monteiro
Setembro de 2026